

O OBJETIVO CULTURAL NO ENSINO DAS LÍNGUAS VIVAS

Maria das Dores Wouk
Universidade do Paraná

No ensino das línguas vivas, os programas do Curso Secundário distinguem três objetivos: conhecimento prático da língua estrangeira, formação do caráter do educando e iniciação geral ao conhecimento da civilização estrangeira.

Hoje em dia, ao ensinarmos uma língua, não visamos apenas ao domínio da língua em si, mas também o país e de maneira especial a sua cultura. É por meio da língua que um povo exprime sua concepção do mundo e traduz as suas riquezas espirituais. Estudando a civilização e a psicologia de outros povos, enriquecemos os nossos conhecimentos sobre a humanidade e, em consequência, aprendemos a melhor amar nossa própria pátria e a apreciá-la nos seus verdadeiros valores.

Chegamos, assim, a aceitar novos "modus vivendi", além daqueles próprios de nosso meio, e a adquirir o senso de relatividade, essencial a toda cultura.

O estudo profundo e objetivo das diversas civilizações modernas é, pois, um elemento indispensável à formação da juventude. Constituindo o estudo das línguas vivas uma só disciplina de cultura, é mister ensiná-las no curso secundário de modo prático, equilibrado e educativo.

Este último aspecto pode ser alcançado ou através da concepção clássica, isto é, pela formação nos alunos das faculdades de atenção, de análise e de reflexão, ou através de outra concepção, mais atualizada, que tende a dispor o espírito

rito e o coração dos jovens ao estudo mais completo das civilizações modernas, pela compreensão de outros modos de vida e de ação.

Assim sendo, o estudo das línguas visa, a um só tempo, disciplinar o indivíduo, alargar os seus horizontes e concentrá-lo na atividade intelectual, para libertá-lo de muitos preconceitos sociais.

Se, no início, os defensores do método direto pecaram por excesso, apegando-se em demasia às realidades materiais expressas nas lições de coisas, mais tarde, graças à experiência adquirida, voltaram-se para as realidades interiores, que constituem o lastro das culturas estrangeiras. Compreenderam, enfim, que o essencial era dar ao espírito um alimento mais substancial, mais variado, e não apenas proporcionar-lhe a aquisição de palavras e formas novas.

O método científico preconiza a aprendizagem real da língua: além do vocabulário, as nuances de expressões, a fim de despertar o gôsto pelo novo sistema de linguagem. Por meio das palavras de língua estrangeira, ensina metódica e detalhadamente as coisas estrangeiras.

Para aplicar êste método, lançaremos mão dos próprios recursos que nos oferece o país estrangeiro, nos seus aspectos peculiares, nos seus costumes. Servir-nos-emos desses assuntos nas aulas de conversação, nos exercícios escolares, na leitura dos trechos escolhidos, em tudo, enfim, que constitui a trama de uma aula.

O ensino cultural bem compreendido deve não só estimular constantemente o aluno, mas também ajudá-lo a resolver os problemas que o preocupam, contribuir para o seu desenvolvimento harmonioso, tanto quanto possível, e fazê-lo entrar em contacto com os problemas normais da vida, pelo conhecimento das reações de outros homens diante desses mesmos problemas.

Dentro das características do Humanismo, abrange não só as particularidades geográficas, os costumes, as instituições e a história, mas também a fisionomia moral do povo estrangeiro.

Como conduziremos êste ensino? Em primeiro lugar, poderíamos aplicar o sistema impressionista, desprovido de qualquer dogmatismo, dando largas à reflexão pessoal. Os partidários dêste sistema apegam-se principalmente à literatura, que consideram campo propício para um estudo aprofundado das civilizações estrangeiras. O exercício por excelência consistirá na explicação psicológica, e não apenas artística, do momento literário revelado pela obra, pois esta representa a expressão de um temperamento e o pensamento de um povo.

Esta maneira de tratar os textos paulatinamente desperta no aluno um conhecimento pessoal do caráter do povo.

Poderemos também aplicar o método dedutivo, por meio do qual introduziremos a ordem nos conhecimentos, estudando, além das criações literárias, a vida do povo em tôdas as suas manifestações. Os manuais de estudo deveriam, portanto, ser autênticas antologias culturais que retratassem, de modo nítido e completo, o país estrangeiro e o caráter de seus habitantes.

A vista dessa imagem minuciosamente examinada, o estudante pode estabelecer as semelhanças e os contrastes entre o país estrangeiro e sua terra natal, nos traços característicos de seus habitantes.

Este segundo modo de considerar o problema parece corresponder melhor às novas tendências do ensino, desde que se evite todo dirigismo pedagógico. O ensino da literatura não é negligenciado; visa sempre a enriquecer a sensibilidade dos alunos mais bem dotados. Cumpre, no entanto, que o professor esteja à altura da tarefa que lhe foi confiada, que trabalhe com entusiasmo na formação do gôsto literário de seus alunos.

A preocupação da objetividade presidirá à escolha dos textos, de modo que não desvirtuem nem firam os sentimentos dos jovens, mostrando o povo estrangeiro com seus feitos, fraquezas e glórias. A história, a arte, as ciências, a

filosofia, serão apresentados de maneira a indicarem nitidamente o lugar que esse povo e esse país ocupam na comunidade humana.

Chegará o momento em que os jovens descobrirão um denominador comum para os diversos elementos. Esta descoberta é a meta final, isto é, o triunfo da cultura, a qual, pairando acima das contingências humanas, identifica o homem no tempo e no espaço.

É evidente que semelhante ensino exige um preparo especial do professor do ponto de vista lingüístico e uma iniciação pessoal nas condições da vida e civilização estrangeira. Seria de toda conveniência fôssem introduzidas, nos programas dos cursos universitários, a civilização estrangeira, a história literária, as artes plásticas, a música e a arqueologia.

Assim, tudo o que se relaciona com a vida dos povos antigos ou modernos, considerados em um determinado momento de sua existência ou na sua evolução histórica, é suscetível de um ensino especializado.

Podemos notar, porém, que a maioria dos livros destinados ao ensino da civilização estrangeira apresentam-se como simples compilações de trechos de leitura árida, crivada de dificuldades, mormente quando utilizados por professores escravos do manual e do programa.

Uma vez fornecido o núcleo do vocabulário (expressão de Michel Bréal), dentro do qual o estudante da 1.^a e 2.^a série move-se à vontade, poderemos penetrar no estudo do país estrangeiro, na 3.^a e 4.^a série, usando ainda o mesmo material: mapas, quadros, vistas e sobretudo fotografias, para fixar a aprendizagem. Depois de conhecido o país em seu aspecto físico, penetraremos nas cidades, percorreremos as ruas, penetraremos nas casas de família e sentar-nos-emos à mesa dos hotéis. Assim, aos poucos, conheceremos a vida íntima e os costumes peculiares do povo.

Esta etapa requer um vocabulário mais extenso, espírito mais amadurecido e maior reflexão do estudante. Orientado

por um ensino assim concebido, atraído pela curiosidade, ele se integra naturalmente no processo da aprendizagem efetiva.

No 2.º ciclo estudaremos a organização política e administrativa do país, as leis que o regem, a justiça, a instrução; em seguida, proporcionaremos as noções indispensáveis dos fatos históricos dominantes e tudo que é necessário para compreender o seu estado atual.

Por uma progressão natural e ininterrupta, o ensino se transforma e se adapta, aumenta sua ação sobre o plano formativo, faz apelo mais ao raciocínio, sem, contudo, perder seu sentido prático e seu caráter educativo.

Neste ponto, torna-se imprescindível que os alunos conheçam o modo de ser e de pensar do povo. Só assim teremos coroado a nossa obra e orientaremos nosso ensino para a psicologia individual e coletiva. Estudaremos os textos sob o prisma humano, buscando nêles o conteúdo precioso que traduz a significação de um grupo, de um movimento religioso, político ou social.

O ensino da civilização oferece ao professor capaz e entusiasta possibilidades ilimitadas. O importante é despertar sempre o interesse do aluno, compelindo-o ao exercício contínuo e obrigando-o a falar a língua estrangeira. Precisaremos dar-lhe a impressão de um aprendizado real, de uma nova habilidade, como que de uma expatriação. Conduzi-lo-emos a conhecer sempre melhor o ambiente estrangeiro, por meio de livros, jornais, revistas, correspondência, programas radiofônicos, filmes, representações teatrais e outras manifestações culturais. Orientando-o convenientemente, fá-lo-emos sentir verdadeira fascinação pelo ensino cultural. Aprender a conhecer os homens, desenvolver o senso da solidariedade, despertar um autodidatismo inteligente nos jovens, eis os objetivos do ensino humanista das línguas vivas.

Aí chegaremos quando as novas gerações de professores formados pelas nossas Faculdades de Filosofia, imbuídos do espírito humanístico, técnica e científicamente preparados, espírito humanístico, técnica e científicamente preparados, entusiastas, puderem trabalhar em classes pouco nublados e entusiastas,

merosas, dentro de um horário racional, o qual leve em conta as limitações físicas do aluno e as exigências do progresso hodierno.

Alcançaremos êstes objetivos se os poderes constituídos colocarem à disposição do ensino os recursos didáticos, proporcionarem aos professores os meios para o seu aperfeiçoamento e assegurarem a docentes e discentes possibilidades materiais do contacto direto com o estrangeiro.

Nesse tempo feliz, o ensino de línguas vivas assumirá novo aspecto, um sôpro de vida lhe possibilitará a formação das verdadeiras elites culturais.